

O PAPEL DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM COMO INSTRUMENTO DE DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Tiago Costa Silva

Mestrando em Ciências da Educação pela Facultad Interamericana de Ciencias Sociales - FICS. Pós-graduado em Metodologia do Ensino de Matemática pela Faculdade Einstein (FACEI). Pós-graduado no Ensino de Física pela Faculdade Única de Ipatinga (FUNIP). Graduado em Matemática pela Faculdade de Administração e Artes de Limeira (FAAL). Graduado em Física pela Faculdade Única de Ipatinga (FUNIP). Graduando em Pedagogia pelo Centro Universitário Unifatecie (UniFatecie).

<http://lattes.cnpq.br/3370854727374954>

<https://orcid.org/0009-0004-5775-0811>

E-mail: professortiago99@gmail.com

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2023.V2N4>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2023.V2N4-49>

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo descrever as principais concepções sobre como são constituídas as relações de afeto entre alunos e professores e, como essas relações vão se dimensionando à medida em que os laços constituídos vão se estreitando no ambiente escolar. Diante desses fatores, o presente estudo busca responder ao seguinte questionamento: qual a influência exercida pela afetividade no processo de ensino e aprendizagem dos alunos? Desse modo, debruçou-se nos estudos de autores que abordam a afetividade e a aprendizagem, destacando: Wallon (1986), Ausebel (1963), Fazenda (1994), dentre outros. A referida pesquisa está estruturada em duas sessões. A primeira, tem o intuito de abordar as contribuições teóricas sobre a afetividade e a aprendizagem sob o olhar de teóricos que versam sobre o desenvolvimento afetivo da criança, a relevância da afetividade para o desenvolvimento humano bem como a sua importância na aprendizagem da criança. Por conseguinte, na segunda sessão apresenta-se as considerações finais inferidas com o desenvolvimento do estudo, onde foi possível evidenciar que a afetividade é entendida como fator que favorece o desenvolvimento humano e cognitivo, fazendo com que os indivíduos aprendam também através dos sentimentos, das emoções e da troca de experiências na interação com o outro. Para tanto, desenvolveu-se uma pesquisa bibliográfica. Os resultados permitiram inferir que a afetividade é entendida como fator que favorece o desenvolvimento humano e cognitivo, intervindo direta e indiretamente nos processos de desenvolvimento interpessoal das crianças já nos anos iniciais, à medida em que estes compreendem que o desenvolvimento cognitivo depende desse processo principalmente dentro do ambiente escolar, onde o processo de ensino e aprendizagem permeia o início dessas interações.

PALAVRAS-CHAVE: Aprendizagem. Desenvolvimento cognitivo. Relações interpessoais.

THE ROLE OF AFFECTIVITY IN THE TEACHING AND LEARNING PROCESS AS AN INSTRUMENT FOR CHILD DEVELOPMENT

ABSTRACT: The present work aims to describe the main conceptions about how affectionate relationships between students and teachers are formed and how these relationships grow as the bonds formed become closer in the school environment. given

these factors, the present study seeks to answer the following question: what is the influence exerted by affectivity on the teaching and learning process of students? in this way, he focused on studies by authors who address affectivity and learning, highlighting: wallon (1986), ausebel (1963), fazenda (1994), among others. this research is structured into two sessions. The first aims to address the theoretical contributions on affectivity and learning from the perspective of theorists who deal with the child's affective development, the relevance of affectivity for human development as well as its importance in children's learning. Therefore, the second session presents the final considerations derived from the development of the study, where it was possible to demonstrate that affectivity is understood as a factor that favors human and cognitive development, making individuals learn also through feelings, emotions and the exchange of experiences when interacting with others. To this end, a bibliographical research was developed. The results allowed us to infer that affectivity is understood as a factor that favors human and cognitive development, intervening directly and indirectly in children's interpersonal development processes in their early years, as they understand that cognitive development depends on this process mainly within of the school environment, where the teaching and learning process permeates the beginning of these interactions.

KEYWORDS: Learning. Cognitive development. Interpersonal relationships.

INTRODUÇÃO

A escola, dentro do seu grau de importância, é uma instituição complementar à família, no sentido de oferecer aos alunos um espaço agradável de aprendizagem e convivência onde os mesmos possam interagir entre si e, desse modo, instituir relações de afeto no convívio com professores, colegas e demais indivíduos que compõem o ambiente escolar. Ao considerar as diferenças que cada um possui não como barreiras de impedimento ao convívio, mas sim como oportunidade de interação, de crescimento e de desenvolvimento pessoal, a escola promove e estimula o desenvolvimento do aluno em diferentes contextos.

Nesse sentido, o professor se destaca como agente responsável por estabelecer a relação entre o aluno e a construção do conhecimento de forma afetiva, atuante e prazerosa, pois é nessa troca que o aluno adquire o conhecimento necessário para que, no futuro, possa aplicá-lo visando as possibilidades de crescimento pessoal, profissional e emocional. Sendo assim, a relação afetiva entre professores e alunos se faz complacente na construção do conhecimento para que estes desenvolvam um status de segurança e confiabilidade em si mesmos, construindo no decorrer de suas trajetórias escolar, um alicerce sólido para vivências futuras em sociedade.

Desse modo, o enfoque do papel da afetividade no contexto de desenvolvimento integral da criança, anseia de modo geral pela identificação das relações dos vínculos afetivos socialmente construídos na escola, uma vez que esta depois do ambiente familiar é o espaço onde as crianças dão os primeiros passos em direção ao estabelecimento de contato com outros indivíduos que não pertencem à sua família. Diante desses fatores, o referido estudo busca responder ao seguinte questionamento: qual a influência exercida pela afetividade no processo de ensino e aprendizagem dos alunos?

A escola, diante do grau de importância que possui para a formação dos alunos, é uma instituição que tem como uma de suas metas, prepará-los para viver em sociedade, construindo suas relações pautadas pelos ensinamentos e aprendizagens adquiridas naquele ambiente, reconhecendo que as relações de afeto abrangem atos de paciência e de respeito aos processos de desenvolvimento de cada um, assim como também envolve o despertar de olhar atento e empático às suas necessidades.

Diante desse contexto, o presente trabalho tem como objetivo principal analisar a afetividade no processo de ensino e aprendizagem a partir das relações instituídas entre professores e alunos. Importante enfatizar que o estudo em pauta parte de uma reflexão sobre o papel da afetividade e sua importância no processo de ensino e aprendizagem, uma vez que o afeto na educação é um fator importante para o desenvolvimento do aluno na escola, em todos os aspectos proporcionando oportunidades para que as relações interpessoais criadas nesse ambiente sejam favoráveis para à escuta, ao diálogo e ao aprendizado. Considerando, portanto, a relevância do tema em destaque cabe enfatizar que o procedimento metodológico do estudo focou na realização de pesquisa bibliográfica.

Desse modo, debruçou-se nos estudos de autores que abordam a afetividade e a aprendizagem, destacando: Wallon (1986), Ausebel (1963), Fazenda (1994), dentre outros. O trabalho está estruturado em duas sessões. A primeira, tem o intuito de abordar as contribuições teóricas sobre a afetividade e a aprendizagem sob o olhar de teóricos que versam sobre o desenvolvimento afetivo da criança e a importância do contexto escolar e da afetividade para o desenvolvimento humano e o foco consistiu na descrição acerca da relevância do ambiente escolar como espaço afetivo de trocas, escutas, ressaltando a sua importância na aprendizagem da criança.

Por conseguinte, na segunda sessão apresenta-se as considerações finais inferidas com o desenvolvimento do estudo, onde foi possível evidenciar que a afetividade é entendida como fator que favorece o desenvolvimento humano e cognitivo, fazendo com que os indivíduos aprendam também através dos sentimentos, das emoções e da troca de experiências na interação com o outro.

Nesse sentido, é importante enfatizar ainda que, o estudo, ao discutir as possibilidades e os desafios quanto ao papel da afetividade diante do processo de ensino e aprendizagem nos anos iniciais, abre novas vertentes e possibilidades no âmbito acadêmico para o desenvolvimento de outros estudos que contemplem o estudo da afetividade na educação em outros contextos, além da aprendizagem em sala de aula.

AFETIVIDADE E INTERDISCIPLINARIDADE COMO INSTRUMENTOS ESSENCIAIS NA CONCRETIZAÇÃO DO PROCESSO ENSINO E APRENDIZAGEM

CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS SOBRE A AFETIVIDADE

A palavra afeto vem do latim affectur (afetar, tocar) e constitui o elemento básico da afetividade, tornando-se imprescindível na formação humana e na maneira como se relaciona com o outro. Etimologicamente, a palavra afetividade implica em “estar junto”; desenvolver uma ação com o outro. Segundo Alencar apud Ranghetti (2002, p. 88), a afetividade:

É composta de prefixo latino affectivus (que exprime desejo), pela vogal i, e de sufixo latino dade (ação, resultado de ação, qualidade, estado). Por sua vez, a palavra affectivus é formada pela partícula ad + verbo fácere. A partícula ad assimilado em af é indicativa de proximidade, intensidade. E o verbo fazer (fácere) tem significado de ação de alguém junto a outre [...].

Entendendo o significado de afetividade como o desejo de estar junto, Arribas (2006), afirma que, a própria definição do termo se aproxima de “afetar”. Nessa perspectiva, a afetividade pode ser entendida como “[...] todas as situações vitais conscientes o ser humano tem o testemunho de sua própria vivência interna com respeito à ressonância e ao grau em que esta situação influi sobre ele, que o afeta” (ARRIBA, 2006, p. 45-46).

De acordo com Ferreira & Régner (2010), “os estudos do campo da afetividade quanto a sua influência nos processos educacionais, são recentes”. Em linha temporal, a partir da década de 1970 a afetividade ganha caráter científico e desde 1990 o conceito de “Inteligência emocional” desenvolvido por Goleman traz ao debate a relação entre afetividade e cognição.

Henri Wallon, médico e filósofo que desenvolveu estudos acerca das emoções e da afetividade e do quanto elas são importantes caso sejam significativamente positivas, entende a afetividade como resultado da junção entre fatores orgânico e social, sendo que na criança aparece primeiramente o fator orgânico que irá evoluir progressivamente ao longo do tempo, imbricada pelas relações sociais que contribuirão para moldar as suas manifestações tanto em processos recíprocos quanto complementares.

Uma das dificuldades no estudo da afetividade é a definição do significado do termo. Na linguagem geral, afeto relaciona-se com sentimentos de ternura, carinho e simpatia. No entanto, para alguns autores, afetividade está relacionada aos mais diversos termos como emoção, estados de humor, motivação, sentimentos, paixão, atenção personalidade e outros tantos.

Wallon (1968) faz “uma distinção entre os termos, emoção e afetividade”. Segundo o autor, “a emoção é uma reação biológica de ordem física do homem, já afetividade ganha uma amplitude maior, pois há manifestações tanto orgânica como as expressões de sofrimento e prazer, quanto social como os sentimentos, humor, paixões, entre outros”.

A TEORIA DA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

Trata-se de teoria proposta por David Ausubel (1980) e defende a aprendizagem considerando os conhecimentos prévios dos sujeitos. Nessa perspectiva, aprender dentro desta abordagem seria construir conhecimento que faça sentido e que este novo conhecimento tenha condições de desencadear em novas apreensões. Para o teórico, a estrutura da mente humana é constantemente reorganizada e alterada e segue uma hierarquização dos conhecimentos que vão se acumulando.

Nesse linear, a aprendizagem significativa se estrutura na ideia de que os conhecimentos já acumulados irão proporcionar a construção de novos saberes que darão subsídios para outros que virão, proporcionando assim mais aprendizados e efetivação de pensamento ao mesmo tempo, mais complexo e estruturado. Vale dizer que a teoria de Ausubel entende que a construção do saber tem como ponto de partida uma ação intencional daquele que aprende, e que cada um tem suas especificidades no processo de aprender.

De acordo com Ausubel (1963, p. 58 *apud* MOREIRA, 1997. p. 19), a aprendizagem significativa “[...] é o mecanismo humano, por excelência, para adquirir e armazenar a vasta quantidade de ideias e informações representadas em qualquer campo de conhecimento”. Sendo que uma vez aprendido significativamente poderá ser armazenado em um “campo de fácil acesso” e que quando estiver em contato com outros conhecimentos haverá interação entre ambos. Considera-se que mesmo que conhecimentos estejam “adormecidos”, eles serão ativados mediante estímulos e contextualização.

A proposta de Ausubel se aproxima dos estudos da teoria Vygotskyana, já que propõe que o aprendizado acontece indissociável do contexto histórico, social e cultural em que o sujeito está inserido. Há uma aliança entre percepção e atenção e assim o sujeito se desenvolve e sua memória constrói mais saberes. Desse modo, diante de situações de desafios a criança fará uma inter-relação com aspectos do passado e do presente considerando elementos do contexto socioespacial.

A interação que ocorre entre estas duas abordagens se apresentam também quando se analisa as proposições de que o aprendizado irá ser alcançado de forma mais efetiva na escola se os conteúdos que os alunos têm acesso partem de aspectos que são comuns a sua realidade, onde poderá ser capaz de interpretar, contextualizar e fazer associações entre o que já sabe e o que está aprendendo. Com o domínio de ideias e conceitos construídos dentro da sala de aula, têm-se condições de fundamentar a análise do próprio espaço onde vive e, assim, elaborar seus próprios conceitos. Desse modo, Dambros (2011) esclarece que:

O conhecimento adquirido terá mais consistência, já que será modificado, integrado e usado, não apenas no momento da

aprendizagem, mas em futuras situações de ensino e de vida. Pode-se concluir que tal aprendizagem, idiossincrática e particular, se relaciona com a estrutura de cada indivíduo e, que, ao mesmo tempo, exerce o poder de mudança sobre o indivíduo, assim como sofre o poder de ser mudada. [...] A aprendizagem só é significativa quando o aluno reconhece a importância do que estuda, assim será um conteúdo significativo tudo aquilo que o educando julgar importante. Para tanto deve-se trabalhar os conteúdos associados a valorização do cotidiano uma vez que o aluno aprenderá melhor quando buscar o conhecimento de acordo com seu dia a dia e sua realidade econômica e social (DAMBROS, 2011, p. 5).

Nesse sentido, a aprendizagem significativa busca a superação de uma aprendizagem que ocorre por vezes de modo mecânico, sendo que Ausubel (1968) chama de “aprendizagem mecânica, aquela aprendizagem que não promove interação entre a nova informação e aquela já apreendida pelo sujeito”. Para o autor, quando o conhecimento não chega ao aluno de modo efetivo indica que há problemas de metodologias e estratégias de ensino.

Desse modo, Ausubel propõe que, para que a aprendizagem significativa dê conta de superar a aprendizagem mecânica, é preciso olhar para a situação do ensino no ambiente escolar, vez que é na escola e na ação docente que parte do conhecimento dos sujeitos é construído e conceitos são formulados. Por fim, é possível afirmar que a teoria da aprendizagem significativa entende que a aprendizagem só ocorrerá efetivamente quando o conhecimento alcançado poderá ser utilizado tanto para aquisição de novos saberes quanto para amadurecimento cognitivo dos sujeitos.

AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM

O espaço escolar, depois da família, é o ambiente onde os alunos constroem o aprendizado e prepara para a vida em sociedade e profissional. Nessa perspectiva, Asbahr (2014) afirma que “os alunos por muitas das vezes não enxergam na escola um lugar que é destinado para a construção do seu aprendizado e para sua formação enquanto ser social, já que por vezes não entendem a complexidade e a importância dessa instituição”. Para este autor, é comum o entendimento de que a escola seja um espaço capaz de prepará-los para o mercado de trabalho, muito embora, passam por momentos de desacreditar nesta

capacidade o que, por sua vez, leva ao desinteresse e começam a enxergar o período escolar apenas como uma obrigação.

É diante deste contexto que Asbah (2014) compreende que “as relações afetivas são capazes de levar os estudantes a frequentarem a escola de maneira espontânea, sendo ali, espaço de construção de laços e vínculos de amizade”. Nesse sentido, a afetividade pode ser considerada como um meio que auxiliará no processo de ensino aprendizagem o que exige mais investigação e desenvolvimento de metodologias para esse fim.

A família é o primeiro espaço em que a criança começa a se desenvolver socialmente e a escola assume o segundo lugar de maior importância. Para Santomé (1998), “qualquer interação que aconteça entre professores e alunos é carregada de significados e sentimentos, podendo impactar negativamente ou positivamente e reverberando na construção do intelecto daquele aluno”. De acordo com Pereira (2015, p. 354), “a boa relação com os professores colabora para que uma maior predisposição para aprendizagem”, sendo que esta relação positiva também pode ocorrer no espaço escolar como um todo. Para o autor:

O ser humano recebe estímulos desde seu nascimento e a interação que ocorre com o ambiente gera os mais variados comportamentos. O cérebro é o órgão responsável por uma aprendizagem que permeia a vida do aluno desde seu nascimento até o fim da vida. A escola é o local onde o conhecimento acumulado é transmitido na tentativa de promover uma aprendizagem formal de conteúdos (PEREIRA, 2015, p. 354).

Sendo a escola este espaço onde os conteúdos formais são apreendidos e acumulados, Guerra (2001) afirma que “as relações humanas atuam no cérebro como agente de mudança neurobiológica e promoverá a aprendizagem”. Para que a aprendizagem ocorra várias funções mentais são ativadas tais como: atenção, memória, percepção emoção e função executiva. É dentro desse entendimento que o professor irá atuar como um agente consciente capaz de promover a alteração neurobiológica intencionalmente voltada para levar o aluno a aprendizagem.

A INTERDISCIPLINARIDADE NA BUSCA PELA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

A interdisciplinaridade entendida como uma abordagem sob múltiplas perspectivas, proporciona ao educando uma aprendizagem significativa, pois apresenta uma interação entre as diversas áreas do conhecimento, construindo um sentido lógico, crítico e reflexivo, vinculados à realidade dos alunos. Nesse linear, a discussão acerca da interdisciplinaridade deve ser pautada dentro da dialética, já que se apresenta pela própria forma com a qual o “homem produzir-se enquanto ser social e enquanto sujeito e objeto do conhecimento social” (FRIGOTTO, 1995, p. 26).

Assim, para que a ação interdisciplinar atinja seus propósitos, é necessário que todos os agentes envolvidos estejam engajados e empenhados em atingir o objetivo comum. Este entendimento leva em consideração que o homem é um ser histórico que constrói seus saberes nas relações sociais; empreende ao longo de sua vida nos espaços em que vive e aprende no compartilhamento de ideias, na troca, na escuta e na reflexão.

A interdisciplinaridade ganha visibilidade como uma forma de “[...] superar a fragmentação e o caráter de especialização do conhecimento, causados por uma epistemologia de tendência positivista em cujas raízes estão o empirismo, o naturalismo e o mecanicismo científico do início da modernidade” (THIESEN, 2008, p. 546). Em síntese, é possível afirmar que a interdisciplinaridade é a busca de se alcançar a intersecção de conteúdos que costumam ser separados no currículo escolar e em outras esferas da produção do conhecimento, que se apresenta de modo fragmentado.

É válido ressaltar que a interdisciplinaridade não se trata de uma prática corriqueira ela deve ser vista como possibilidade de aprimorar o exercício da práxis docente. Segundo Santomé (1998), ela “é uma nova etapa do desenvolvimento da ciência, caracterizada como uma ressignificação do saber, sendo que pode contemplar várias áreas de estudo e segmentos do cotidiano da sociedade”. Pode ser entendida sob várias nuances, ou seja, como processo, filosofia de trabalho a ser utilizada em problemáticas e questões que envolvem os sujeitos em sua dinâmica social.

Entretanto, é preciso considerar que a interdisciplinaridade não se resume a integração de disciplinas de um currículo escolar, onde as peculiaridades e especificidades de cada disciplina se destacam. O foco maior desta metodologia é alcançar o conhecimento de modo global, capaz de ultrapassar os limites de cada disciplina envolvida no processo. Nesse sentido, Thiesen (2008, p. 545) afirma que:

Não obstante as limitações da prática, a interdisciplinaridade está sendo entendida como uma condição fundamental do ensino e da pesquisa na sociedade contemporânea. [...] Um processo educativo desenvolvido na perspectiva interdisciplinar possibilita o aprofundamento da compreensão da relação entre teoria e prática, contribui para uma formação mais crítica, criativa e responsável e coloca escola e educadores diante de novos desafios tanto no plano ontológico quanto no plano epistemológico.

Ivani Fazenda (1994) defende que “é preciso uma atitude interdisciplinar de compromisso e envolvimento do educador nos projetos que estão sendo desenvolvidos, de modo que haja aprofundamento teórico e firmeza no exercício da prática”. Para a autora, a essência do trabalho interdisciplinar deve permear o entendimento que o conhecimento não é imutável e sim inesgotável que necessita sempre se renovar.

Ademais, outro pilar defendido também por Fazenda (2001) é a espera. Nesse linear, a autora defende que é preciso saber o tempo correto de avançar e respeitar o processo de assimilação de cada sujeito evitando generalizações, podendo ser definido também como um tempo de escuta, de esperar pelo ritmo de cada um.

Além disso, outro aspecto importante da espera é que é preciso respeitar etapas do aprendizado e assim, evitar que conceitos não sejam menosprezados, diz assim que, para que consiga aprender com o outro e poder compartilhar do que ele tem a oferecer faz-se necessário desapegar de algumas certezas e convicções, sobretudo deixar de lado a ideia de que o conhecimento é definitivo e inabalável.

É possível encontrar ainda nos estudos de Ivani Fazenda (1994; 2001), “a defesa da importância de levar em consideração a dialogicidade para que o trabalho interdisciplinar ocorra com efetividade”. E este diálogo só ocorrerá caso ambas as partes possuam firmes os pilares citados anteriormente na busca por uma troca sem submissão ou subordinação,

O diálogo e a troca só ocorrerão mediante o conhecimento de si e a abertura para a interação com o outro. Esta busca pelo conhecimento de si já não é uma tarefa fácil, pois conforme Fazenda (1994, p. 14), “[...] quanto mais se interioriza, mais certezas vão se adquirindo da ignorância, da limitação, da provisoriedade [...] do conhecimento de mim mesmo ao conhecimento da totalidade”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A afetividade desempenha um papel fundamental no processo de ensino e aprendizagem, sendo um instrumento poderoso para o desenvolvimento infantil. A partir da análise realizada neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), foi possível compreender como as relações afetivas ocasionais entre educadores e alunos influenciam diretamente na qualidade e eficácia do ensino.

Ao longo deste estudo, reforça-se que um ambiente escolar que valoriza e promove a afetividade proporciona às crianças um espaço propício para o desenvolvimento integral. A construção de vínculos positivos entre professores e estudantes favorece não apenas o processo de aprendizagem, mas também o bem-estar emocional, a autoestima e a motivação para a aquisição emocional de conhecimento.

O estudo do papel da afetividade no processo de ensino e aprendizagem revelou-se crucial para compreendermos a interconexão entre as esferas emocional, cognitiva e social no desenvolvimento infantil. Os resultados obtidos evidenciam que um ambiente educacional enriquecido por relações afetivas positivas promove não apenas a aquisição de conhecimento, mas também o florescimento integral da criança. Um instrumento essencial no contexto educacional é um passo relevante para promover um desenvolvimento infantil mais holístico e uma educação mais humanizada e eficaz.

O desenvolvimento do presente estudo permitiu obter importantes concepções acerca da relevância que a afetividade possui dentro do processo de ensino e aprendizagem, elucidando que os desafios e as possibilidades para a efetivação desse fenômeno permeiam as relações que vão sendo instituídas entre os alunos, suas famílias e o ambiente escolar. Essa, por sua vez, deve ser percebida como instituição voltada a promover a aprendizagem nos mais diversos contextos e com a utilização de métodos adequados que possibilitem aos alunos constituírem pensamento acentuado quanto a importância da afetividade nas relações atuais e futuras.

Por conseguinte, os alunos são parte integrante de uma sociedade cujos valores são vistos como essenciais para sua formação e devido a essa importância são também parte do desenvolvimento de uma cultura, onde a aprendizagem pautada pela afetividade exerce

toda influência possível, permitindo assim que o desenvolvimento auxilie na formação de indivíduos em constante evolução rumo a um futuro promissor.

Pode-se perceber, portanto, que a escola deve se manter alinhada também aos propósitos da afetividade para estruturar um processo de ensino e aprendizagem de efetiva significância, capaz de garantir aos alunos a possibilidade de adquirir uma educação baseada em afeto e que também os auxilie no desenvolvimento da autoconfiança e da auto segurança para construção da personalidade e aquisição de conhecimentos.

Além disso, pode-se enfatizar como a valorização das emoções e a promoção de um ambiente afetivamente seguro são fundamentais para o florescimento integral da criança, contribuindo para a sua autoestima, motivação para aprendizagem e habilidades socioemocionais. Por fim, é interessante enfatizar a necessidade de políticas educacionais e práticas pedagógicas que reconheçam e incorporem a dimensão afetiva no processo de ensino e aprendizagem, capacitando os educadores a compreenderem e atender às necessidades emocionais das crianças, promovendo assim um desenvolvimento mais holístico e equilibrado.

REFERÊNCIAS

ARRIBAS, T. L. et al. **Educação Infantil: Desenvolvimento, Currículo e Organização Escolar**. 5.ed. Porto Alegre: Artmed, 2004; reimpressão 2006.

ASBAHR, F. S. F.; SOUZA, M. P. R. “**Por que aprender isso, professora?**” **Sentido pessoal e atividade de estudo na Psicologia Histórico-Cultural**. Estudos de Psicologia, v. 19, p. 157- 238, 2014.

AUSUBEL, D.P. **Educational Psychology: Cognitive View**. New York: Holt, 1968.

DAMBROS, G.; CASSOL, R. **Aprendizagem significativa em geografia: reflexões sobre a utilização de tecnologias da informação e comunicação no contexto escolar**. XV Simpósio de Ensino Pesquisa e Extensão: Educação e Ciência na Era Digital. 5 a 7 de outubro de 2011.

FAZENDA, I.C.A. **Interdisciplinaridade: História, Teoria e Pesquisa**. 11ª Ed. Campinas: Papirus, 1994.

FAZENDA, I.C.A. (Org.). **Dicionário em construção: interdisciplinaridade**. São Paulo: Cortez, 2001.

FERREIRA, A. L.; RÉGNIER, N. M. A. **Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação**. Educar, Curitiba, PR, n. 36, p. 21-38, 2010.

Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602010000100003>. Acesso em: 05 jun. 2023.

FRIGOTTO, G. **A interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais.** In: JANTSCH, A. P.; BIANCHETTI, L. (orgs) **Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

GUERRA, L. B. **O diálogo entre neurociência e a educação: da euforia aos desafios e possibilidades.** Revista Interlocução, Belo Horizonte, MG, v. 4, n. 4, p. 3-12, 2001.

Disponível em:

<http://interlocucao.loyola.g12.br/index.php/revista/article/viewArticle/91>. Acesso em: 03 jun. 2023.

PEREIRA, I.S. D. **Relações afetivas construídas em projeto interdisciplinar colaborando para aprendizagens mais significativas.** XII Congresso Nacional de Educação.

RANGHETTI, D. S. **Afetividade.** In: FAZENDA, I. **Dicionário em Construção: Interdisciplinaridade.** 2.ed. São Paulo: Cortez, 2002. p. 87-89.

SANTOMÉ, J. T. **Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado.** Trad. Cláudia Schilling. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda., 1998.

THIESEN, J. S. **A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem.** In: Revista Brasileira de Educação. vol.13 no.39 Rio de Janeiro Sept./Dec. 2008.

WALLON, H. **As Origens do Caráter na Criança.** São Paulo: Difusão Europeia do Livro: **As origens do pensamento na criança.** São Paulo: Manole, 1986.

Submissão: junho de 2023. Aceite: setembro de 2023. Publicação: novembro de 2023.